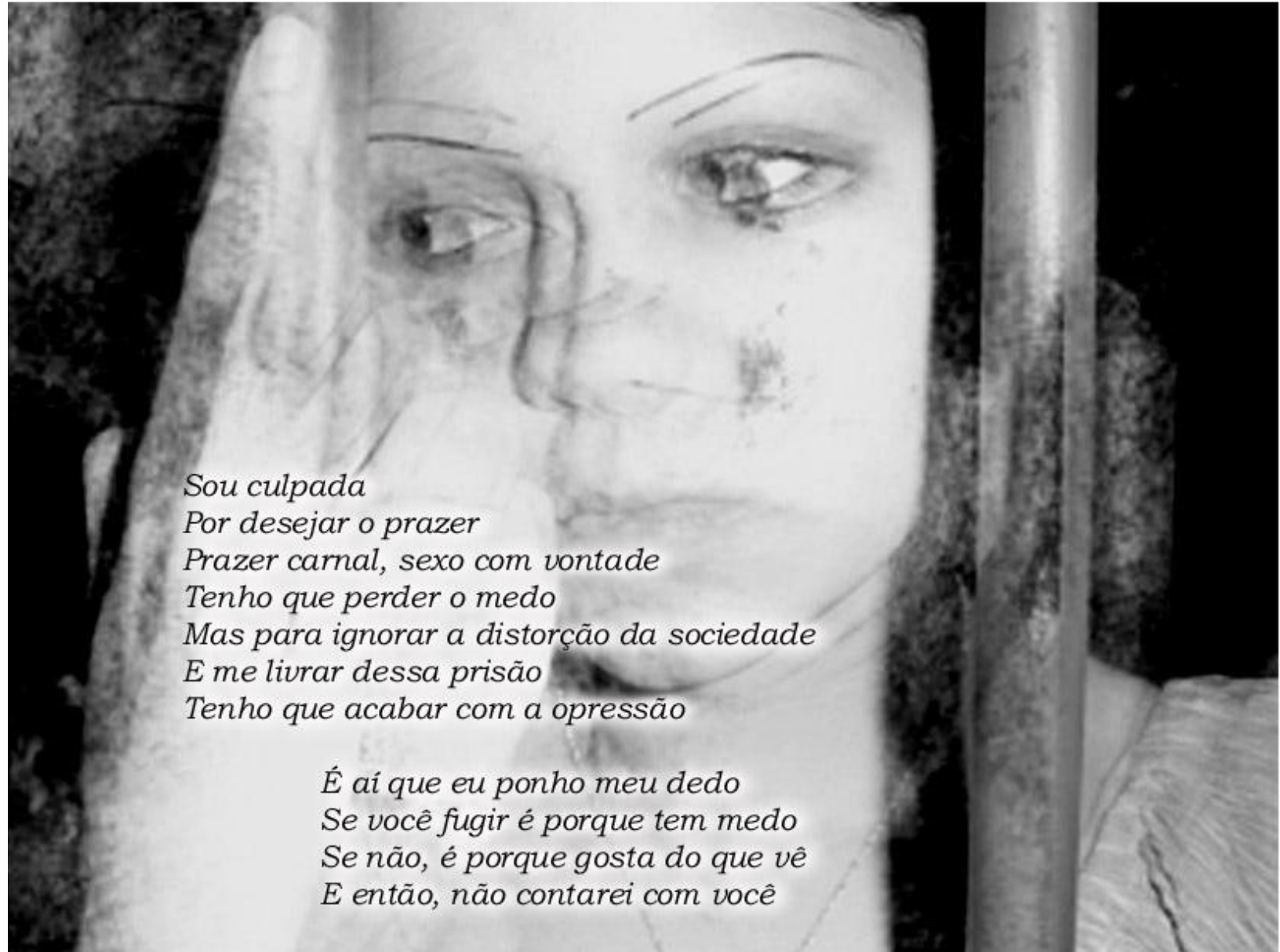


Sexo talvez seja o mais selvagem dos atos humanos.
É talvez por isso que falar de sexo seja a demonstração mais elevada da nossa humanidade.

Libélula



*Sou culpada
Por desejar o prazer
Prazer carnal, sexo com vontade
Tenho que perder o medo
Mas para ignorar a distorção da sociedade
E me livrar dessa prisão
Tenho que acabar com a opressão*

*É aí que eu ponho meu dedo
Se você fugir é porque tem medo
Se não, é porque gosta do que vê
E então, não contarei com você*

(Autora anônima)

Sexo talvez seja o mais selvagem dos atos humanos, é talvez por isso que falar de sexo seja a demonstração mais elevada da nossa humanidade.

Manifesto : Corações que uivam!

Sexo, no Brasil, é um verdadeiro paradoxo. Isso porque a nossa sociedade respira sexo, os brasileiros adoram sexo, nossa televisão é movida a piadas sobre o assunto, e a sexualidade está até na maneira de se vestir do nosso povo; no entanto, em matéria de sexo, essa mesma sociedade que o venera não é liberal, mas sim muito conservadora.

Agora precisamos definir o que vamos chamar de liberal e conservador. Entendo como liberal a sociedade que toma os assuntos referentes a sexualidade de forma natural, ou seja, uma sociedade em que as pessoas não se sintam reprimidas e culpadas por algumas práticas sexuais, que na maioria da vezes são normais e constituem maneiras naturais de proporcionar prazer; uma sociedade sem estereótipos femininos e masculinos; uma sociedade em que os parceiros possam conversar sobre um determinado desejo sem temer a reação um do outro; e por último, seria hipócrita se não citasse a liberdade de escolha sexual, inclusive que esta seja garantida pelos direitos civis. Em uma sociedade conservadora, a mulher é a mais prejudicada, pois desenha-se para ela um papel submisso, no qual ela não pode expressar seus desejos, sob pena de punição do companheiro e desmoralização (não quero satanizar as religiões, todavia mediante a dose de conservadorismo existente nelas, é impossível não atribuir-lhes um papel de destaque nesse processo). Reprimida, a mulher dessa sociedade não chega quase a ter prazer na relação sexual. Quase não chega a descobrir-se mulher. Segue-se para ela o estereótipo, meiga, apaixonada, procriadora, moça direita, rainha do lar. No entanto, o homem também sente as conseqüências dessa sociedade conservadora, sobretudo no que diz respeito a sua sensibilidade, que aos poucos é destruída pelo estereótipo social que lhe é imposto: segue-se ao homem o dever de ser forte e dominador, não apenas no que diz respeito ao seu relacionamento com as mulheres, mas também com os próprios homens. A demonstração de um sentimento mais cordial que a truculência nata do “bicho homem” é uma demonstração de fraqueza, associada à feminilidade, e tem como conseqüência a desmoralização desse homem mediante a sociedade. Dessa forma, a sociedade conservadora é um impecilho à melhora da qualidade de vida dos cidadãos, porque limita a expressão livre da subjetividade humana, tornando os cidadãos infelizes e, muitas vezes, dando a eles comportamento violento e criando até algumas perversões.

A confusão nessas expressões começa quando temos que discutir a sociedade brasileira atual, como escrevi antes, já que ela ocasiona um paradoxo no assunto. Temos vivenciado – e ao meu ver não em estado de transição, mas de forma permanente – um misto de sociedade liberal e conservadora. Exemplos há muitos: não parece, aos meus olhos, uma atitude liberal explorar a sexualidade das mulheres em programas de televisão; ao contrário, me parece uma atitude que reedita os estereótipos existentes na sociedade: a mulher objeto e o homem animal. Porém, é um traço liberal inegável as mulheres poderem exibir seus corpos publicamente. Essa antítese também aparece em algumas músicas, onde a abordagem feita é superficial, evitando os conflitos, e as letras “picantes” ressaltam em suas rimas muitas vezes o que há de mais arcaico em nossa sociedade em relação ao assunto.

Podemos dizer então, que o pensamento brasileiro é, em parte, liberal, mas seu comportamento é conservador. Esse entrave se inicia quando, ao tratar de assuntos como o sexo, a polêmica tenta ser evitada. O assunto por si só, englobando coisas tão íntimas como sensualidade e masturbação por exemplo, tende naturalmente à polêmica. Cada um se torna um universo dentro dessa atmosfera, devido principalmente às suas particularidades em relação ao tema. Entretanto, a polêmica é evitada com a finalidade de que seja preservada a arcaica forma de visualizar a relação homem-mulher, enraizada em nossa sociedade historicamente. É como um valor enterrado no comportamento de cada brasileiro, que impede que seu pensamento liberal passe do plano mental para o comportamental.

Podemos hoje, perguntar a qualquer pessoa na rua sobre sua vida sexual, e ela terá receio em responder a questão, geralmente por causa dessa preocupação com o padrão comportamental na sociedade. Muitas pessoas podem então, levantar um ponto interessante: a privacidade. É claro que cada um teria um determinado comportamento ao tratar de sexo publicamente, mas a maioria das pessoas teria um ponto de vista conservador, alegando estar defendendo sua privacidade. Mas até que ponto poder discutir com a namorada sobre a melhor forma de alcançar o prazer sexual é um ataque à privacidade? Isso contudo, pode ser explicado utilizando-se da própria relação homem-mulher.

A natureza humana nos aproxima, como que por instinto. Afinal, talvez seja nossa herança animal, uma busca de proteção, companhia e cumplicidade, uma busca de reencontrar a manada. Assim, discutir sobre uma relação sexual seria tão natural quanto fazê-la, já que o ato faz parte de nosso processo de criação de laços profundos. Mas dada a sociedade de comportamento conservador na qual nos inserimos, a discussão se torna carregada de preocupações, em ambos os lados. Essas preocupações – geralmente relacionadas à imagem que cada um pode ter, não só perante o(a) namorado(a), mas perante todos os outros indivíduos – fazem com que a situação se torne incômoda e não-natural. Dessa forma, mesmo que haja a vontade de se expressar à respeito da relação sexual, o diálogo não ocorre. A privacidade de cada um só entraria em jogo se, necessariamente por opção, ambos não quisessem falar sobre o assunto.

Mas o brasileiro, apesar de tudo, possui uma sexualidade à flor da pele. Por mais conservadora que seja, nossa sociedade ainda deixa brechas para que o pensamento liberal do brasileiro venha à tona. Vemos isso em todos os lugares, na televisão, no rádio, em cartazes de propaganda, no jeito das pessoas se vestirem. Na verdade, o sexo é o pensamento freqüente da maior parte da população. Infelizmente, a questão histórica que leva a mulher a se tornar um “objeto ingênuo”, discutida anteriormente, faz com que a parcela feminina desse pensamento se torne oprimida. O homem passa a ter mais liberdade em falar de sexo do que a mulher; porém este mesmo homem também é pressionado a manter-se dentro do estereótipo para ele desenhado. Por exemplo, é difícil encontrar uma mulher que admita ter vários parceiros, mas um homem deve, necessariamente para aumentar sua moral, ter várias parceiras. Entretanto, a natureza psicológica e física que aproxima os dois é a mesma. Entende-se, portanto, que ambos os sexos são condicionados e literalmente adestrados para seguir uma determinada conduta sexual.

Muito se conseguiu até hoje dentro dessa questão, mas ainda há muita coisa a se conseguir. O prazer, como qualquer outra sensação do ser humano, deve ser tratado naturalmente, principalmente porque é uma forma simples de saciar a natureza física à qual estamos ligados. E todas as formas de prazer, inclusive o sexo, devem ser discutidas, entre parceiros, amigos, familiares, a fim de que possamos melhorá-las cada vez mais, obtendo assim, mais prazer. É claro que devemos prestar atenção aos riscos à saúde, como é o caso do sexo sem camisinha, ou de qualquer prática sem o devido cuidado. Mesmo na busca por um prazer maior, nada que seja nocivo deve ser utilizado, como drogas e outras coisas afins. Num plano geral, independente se a relação é a dois, a três, se é com ele ou com ela, o importante é se cuidar e sentir-se bem com o que está fazendo. Imaginação, proteção e respeito se completam, e os três colaboram muito para uma relação com mais prazer. Portanto, cuidem-se e aproveitem!!

Autores: Ednei Alves dos Santos e Robson Monteiro Silva.

Sexo talvez seja o mais selvagem dos atos humanos, é talvez por isso que falar de sexo seja a demonstração mais elevada da nossa humanidade.

Luzia Luz do Dia...

Luzia
Trinta e três anos de idade
à toa, incoerente, indecisa,
com sonhos de ser poeta
rabisca traços tortos
- em forma de poesia -
procura descobrir prazer
em versos, rimas, contos,
que nada lhe rendiam
- sermão que lhe pregavam -
esquecia-os na gaveta
e trancava
sua vida...

Do lado direito da cama,
sonolenta, carente, sozinha,
desperta tateando sonhos
na busca de encontrar
um caderno,
um lápis,
- sem ponta! -
mera procura sem retorno,
entrega-se ao abandono,
na alvorada que desperta
- se perde -
no chuveiro...

Encostada na parede,
entre o vapor
que inebria,
acarícia-se
assanhada como uma gata
- no cio -
cai de quatro
em si...

Luzia, aos trinta e três,
fêmea perdida,
com o corpo revigorado,
cuida agora d'alma,
doa-se ao caderno,
a insensatez,
esquece a solidão,
lambuzava-se com seus
versos indecentes
- incoerentes talvez? -
não mais escuta
a voz da razão
- ri de si mesma -
no raiar de mais um dia,
da nova vida
descoberta...

Veza em quando
a caneta tropeça,
o lápis
- sem ponta -
descartado,

tal qual o amado,
que sem inspiração dorme,
enquanto Luzia
com as pontas
dos dedos,
descobre
um mundo
- de prazer -
dobrado...

Luzia,
agora recuperada,
não teme mais o papel,
entrega-se a ele,
a si,
e se deixa levar,
expõe seus devaneios,
suas taras,
sua vida,
sem utopias
fortalece renovada,
e sabe,
que ainda é cedo...

É tarde demais
para negar
o prazer,
a loucura do abandono,
a saciez de uma entrega completa
- solitária talvez -
visivelmente esquecida,
no passado que mofou
entre preconceitos
soterrados...

Raios de luz!

Luzia, trinta e tantos anos de idade,
apaga memórias indesejáveis,
varre medos,
angústias
inércias,
sem sombra de remorsos,
sem recatos disfarçados
- toca o colo -
reverência
o novo dia...

Luzia, trinta e tantos anos vividos,
apelidada " luz do dia"
por ofuscar o brilho do sol
com seu sorriso de alegria,
não sabe viver na escuridão,
prova,
- de papel passado -
que jamais será tarde
para acordar mulher,
poeta...

Pensar por pensar

Vinte dias depois
O sangue ainda escorria
Não por entre os olhos, mas
Pelo medo de mostrar que não havia crescido
Em cada dedo, um sentimento
Até que tudo escurecia
Cinco minutos de dor
E o falso momento explodiu em sentido
As roupas largadas num canto
As unhas rasgando o corpo
 Divagações sobre um mundo louco
Onde nem tudo que mata é morto
Propostas fora do comum
Lugares conhecidos por desconhecidos
E nada mais do que um copo de vinho
Tornava dócil em fera, errante era
Uma festa de amigos
Amores passados, passado antigo
Ninguém melhor do que um amante
De perfume estonteante
Para elogiar o deslumbrante vestido

E no elogio ao vestido
Perfume tocando ao peito
Desejo nos olhos de um amante
Amor antigo, passado que não passou
Os amigos na festa, nem percebiam
Por um erro, cresceu a fera
Um copo de vinho colaborou
Lugares estranhos e de estranhos
Propostas aceitas, algo incomum
Pensando matar ou morrer
 Divagações sobre um mundo louco
Mãos e dedos percorrendo o corpo
As roupas atiradas num canto
E o sentido era sentido na mentira
Alguns minutos de muita dor
E tudo depois escurecia
A cada dedo, um lamento
Por medo de dizer que era menina virgem
Os olhos se fechavam em lágrimas
E o sangue ainda escorria
Vinte dias depois

Robson Monteiro da Silva

Túteres e Marionetes ou vice-versa.

Ah! Aqui estamos nós!
Sim, novamente obcecados,
Em busca da realidade!

- A realidade...

Sim, cegos!
Completamente cegos!
Pois se não estivéssemos, já teríamos visto,
Essa teimosa realidade, ela própria um sonho!

- Uma farsa, um grande teatro.

E se todos tivéssemos percebido,
Ah, se tivéssemos!
Não estaríamos mais aqui,
Não estaríamos mais a degustar verdades!

- Verdades?

Estaríamos é tomando posse,
A posse de nossos personagens,
De quem seríamos nessa peça!

Treinando um monólogo de Shakspeare:
- Ser ou não ser, eis a questão?

Teríamos dado cabo a verdade!
Redigido de punho e recitado de gosto
O mais verdadeiro texto mentiroso.
Estaríamos todos vilões, mocinhos, libidinosos,
E o que mais seja!

- Decido-me que seja,
- Mas que para isso faz-se necessário não ser.
- E só assim a dimensão da personagem EU.

Mas sobre tudo criadores, criadores!
Ah, se tivéssemos um dia,
Rompido livre de nosso pragmatismo.
Um dia percebido, a prisão que construímos!

- Emanas, emana...
- O EU emana...

Ednei Alves dos Santos.

Sexo talvez seja o mais selvagem dos atos humanos, é talvez por isso que falar de sexo seja a demonstração mais elevada da nossa humanidade.

Menina-moça

Caia raio, corte o céu escuro
Como o vestido da menina
Pura e rubra é a face
Embaixo do cobertor
Onde o prazer dá lugar à minha dor
Cobertor que esquenta o corpo,
Mas a alma continua lá gelada
Só de pensar no pesar que dá
Ao vê-la semi-nua na cama
Fraqueza e pudor que não deveria ter
Afim foi paga uma noite
Tudo começa, no calor deuses se elevam
Visita-se as estrelas e o infinito fica pequeno
Tudo isso é prazer
Prazer real
Prazer carnal
Mas o que fica é o momento
E para ela o pagamento.

Fábio "Pxe" Rodrigues dos Santos

Descrição

A mente é fraca
O corpo é quente
E o instinto é forte...
A beleza é relativa
Espasmos quase convulsivos
Ausência de controle...
No corpo ativo a mente pára
Sem pensar em nada
Age por instinto!
Que desaparece de repente...
Sedução, malícia
Chame como quiser

Sem moral, sem pudor
Sem vergonha
Dispa-se rapidamente
E se entregue.
Se entregue ao instinto
E pare de pensar.
Deixe que o corpo aja pela mente
Se entregue ao prazer carnal
Que te ensinaram a evitar
Deixe tudo de lado e aproveite

Desperte seu lado selvagem
E esqueça a razão
Perca o fôlego, o juízo, o recato
Sinta-o chegando
E se entregue
Sinta seu corpo se contorcer em movimentos involuntários
E tremer de tesão.
Largue-se, abandone-se em algum lugar.
Você acaba de chegar ao Paraíso.

Elise de Oliveira Garcia.

MARIA TANTO FAZ

Maria amava com ardor.
Aquilo, sim, era amor!
Fazia do ser amado
objeto idolatrado.
do começo ao fim do dia
era só o que queria
amava com devoção
Havia entregue o coração.
Quando questionada
sobre o fato importante
de nesse instante
não ser correspondida
retrucava, ofendida:
"Tanto Faz! Tanto faz!"
Só de um detalhe
Maria esqueceu
o tempo todo
do amor ao outro
sobreviveu.
De si, nem lembrava
na verdade não se amava
sumia, definhava
moça bonita não se cuidava
e a beleza acabava.
Sem realizar o que sonhou
um dia o sonho acabou
seu amado foi para o céu
e Maria ficou.
Só e ao léu.
Quando quis olhar para a vida
que nunca Maria viveu
Estava feia. Velha. Largada.
Então, nesse dia, Maria morreu.
Sem atestado de óbito, sem velório
um fim de vida solitário, simplório.
Uma morta-viva andando pelo cais.
Cujo amor e desejos, não existem mais.
Quem a via suja, rota, abandonada,
olhar perdido, opaco, vazio e distante
poderia ouvir por um instante
a infeliz balbuciar:
"Tanto faz. Tanto faz..."

Tau Ceti

Elementar

Nego o fogo
enquanto queimo,
(sempre haverá
fumaça em mim).
Às vezes é mais fácil
sonhar com Eros,
do que dizer simplesmente SIM!

Marise Sousa

Sexo talvez seja o mais selvagem dos atos humanos, é talvez por isso que falar de sexo seja a demonstração mais elevada da nossa humanidade.

Amor maldito!

Por entre becos e beiras.
Se escondendo, se esgueirando.
Entregado ao descaso que lhe foi dado.
Encontra-se um amor amaldiçoado.
De um olhar malicioso,
Impuro, perseguido.
De um olhar que nega a si mesmo,
O sagrado direito de compreender.
A imensa grandeza de libertar.
Um olhar de asco e de nojo,
Porque enxerga a si não ao outro.
E do outro tira a vantagem,
De se pôr mais mérito,
Mais direito, Mais virtude.
Para não enxergar,
Ignorar, aquilo que apenas é,
Um ser menor, sem liberdade
De vícios e inverdades!
Por entre becos e beiras.
Se arrisca um amor inflamado,
Para fugir desses olhos nazistas,
Que controlam e tiram vantagens,
Vontades, sonhos, felicidades.
Desses milhares de olhos inferiores,
Inferiores, pois fogem assustados
De seus medos, desejos e atos.
E se fazem superiores,
Ao julgarem um amor mudo.
Covardes, apenas covardes.
Abandonaram a única virtude,
A única que Deus lhe deu !
Ver e decidir!
Pois só fazem “papai e mamãe”!
E só amam homens, se forem mulheres!
E apenas mulheres, se forem homens!
Para ter em vista suas falsas virtudes
O que outrora fizeram com os negros?
Negaram sua humanidade!
Esquecem os desumanos dos seus atos.
E o Amor ? Esse coitado,
Continua por esses olhos todo deformado.

Ednei Alves dos Santos.

Tic-Tac-Toe

Tic-Tac-Toe
o tempo vai
passando
e eu aqui sentado
pensando
Tic-Tac-Toe
o tempo se vai...
e eu aqui.

Tic
No começo tudo era vervo
e nun's verbos tudo começou...
"Vem também..." foi me dito
e tudo se iniciou.

Tac
Numa sexta-feira
pela segunda vez
entre a cruz e o caldeirão
me encontrei
Numa sexta-feira
mesmo querendo
dele beber, o caldeirão
eu recusei
Numa sexta-feira,
fim de lua Crescente,
recusei o que
a muito tempo
almejava sem saber.
Numa estranha sexta-feira
de lua quase Cheia
Mas só durante o "Toe"
isso tudo vislumbrei

Toe
Só depois de perdido
é que se dá valor
E só depois de vazio
é que percebo
que do caldeirão necessito beber
Mesmo que nele
assim esteja escrito:
"O conteúdo deste jarro
rápido acabará
e do final amargo
tu degustará"

Mas vazio já está
e até encher este jarro
não convém esperar
Preciso mesmo
é d'outro jarro
mesmo que
seu conteúdo seja
um pouco mais fraco
um pouco mais sem graça e,
talvez,
um pouco mais doce

Mesmo assim
Tic
O tempo se vai
Tac
E eu fico parado
Toe
Relembrando...

Alan Justino da Silva - 27/10/02

Ensaio : Poesia malcriada, poesia humana.

As pessoas chamam muitas coisas de poesia; as coisas que talvez possam gerar emoção são todas chamadas de poesia. Mais de noventa por cento da poesia que existe versa sobre casos amorosos, e sobre os casos amorosos não dizem absolutamente nada além de frases de efeito, não buscam invadir o complexo mundo psicológico e atribuem tudo a um sentimento irracional indescritível, ou a um destino infalível. Este é o grande estereótipo da poesia, basta perguntar a um leigo. Nada contra esta poesia, mas quero dizer que a poesia não é apenas isso, ela é muito mais. Qualquer coisa pode ser transformada em poesia.

Nessa edição do Libélula, nossa indignação foi transformada em poesia. Nos trabalhos que compõem esse número, buscamos despir os seres humanos de seus estereótipos sociais. Contemplando nossa proposta inicial, mergulhamos fundo nos valores da sociedade, exibindo e destruindo apenas; reconstruindo-os talvez. O resultado foi uma poesia malcriada, erótica talvez, com certeza visceral. Uma mistura de ternura e instinto, mistura que pela própria natureza se assemelha ao sexo, o tema que a criou. Da leitura dos poemas, o que sobra é quase sempre um ser humano, longe de ser um super-homem. Esse ser humano transparece em toda a insegurança de sua própria condição de existência social, a insegurança que para si próprio é sempre negada; a dúvida que é sempre negada. Ele transparece inseguro, em processo de libertação daquele velho jogo-da-velha que aparece em Tic-Tac-Toe, em seus três atos fulminantes. E mais: esse ser humano está quase percebendo que as regras do jogo foram feitas por ele próprio; quase entendendo que “para ser é preciso não ser”; e finalmente encontrando a liberdade no processo de criação de seus próprios valores. Nasce o homem criador, aquele que não é controlado por olhos nazistas, e que chama a responsabilidade de seus atos, sabedor de suas próprias limitações: são as mulheres que surgem em “Descrição” e em “Luzia, luz do dia”. Principalmente as mulheres, que há muito sofrem com a imposição de valores, incompatíveis com seus gênios subjetivos. Assim, vemos sarciados seus desejos e suas vontades. Buscamos criar vozes e atacar seus pontos de silêncio mais profundos.

Essas vozes que se levantam nesse número do Libélula não estão aqui para criar um mundo a seu jeito, mas tão somente para indagar “Porque não?”. E para essa pergunta é que esperamos uma resposta satisfatória. Porque se deve manter um jogo de aparências? Quem lucra com esse jogo? Onde termina a virtude de ser “ser humano” e começa o privilégio de um indivíduo sobre o outro?

Talvez a poesia que aparece nesse Libélula queira, de fato, afastar a culpa que fomos ensinados a sentir (como em “Menina-moça”); essa culpa e remorso condicionados (em 3 atos Tic-Tac-Toe, e perdemos de novo); esse medo que nos faz fugir daquilo que poderia nos tornar feliz, para que possamos mostrar um dia, sem distorção (ou estaria eu “pensando só por pensar”?) quem realmente somos. Não é possível que sejamos tão selvagens a ponto de estarmos presos em um cinto de castidade psicológico, e tão somente fora desse cinto possamos entender o que é realmente amor. A pergunta é “Porque Não?”.

Não sabemos se fomos tão fundos quanto podíamos ir nesse Libélula, mas sabemos que não conseguimos ser tão livres como queríamos. Quem sabe no melhor e mais importante verso a ânsia, o medo e a culpa tenham novamente nos atacado e o verso tenha morrido calado. Mas usamos toda a coragem e toda a sinceridade que nossas limitações permitiram utilizar, no intuito de fazer o melhor por todas as pessoas que se sintam oprimidas e sufocadas.

A poesia que aparece nesse Libélula é malcriada, e é essencialmente humana...

Editores: Alan Justino da Silva
Ednei Alves dos Santos
Elise de Oliveira Garcia
Fábio Rodrigues dos Santos
Robson Monteiro da Silva
Contato: libelulazine@yahoo.com.br